

Associativismo e defesa do património

Nos primeiros anos da década de 80 a defesa do património galvanizou milhares de portugueses, tendo-se constituído nessa época muitas dezenas de associações locais, de norte a sul do país. Sob o lema “Nada de elites cultas, mas um povo cultivado”, foi em 1981 fundada em Braga a FADEPA – Federação das Associações de Defesa do Património Cultural e Natural.

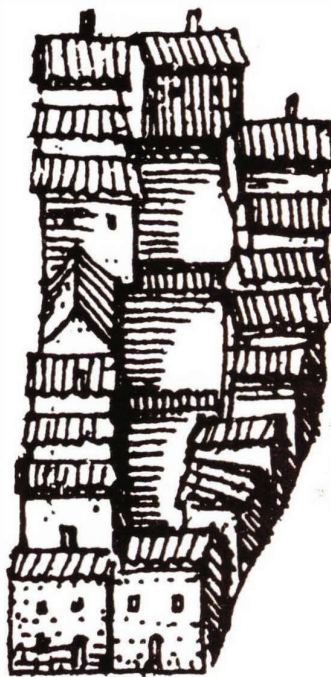
A realização de três congressos em anos sucessivos – 1980, 81 e 82 – respectivamente em Santarém, Braga e Torres Vedras, mostra a vitalidade deste movimento, que, logo no primeiro encontro, reuniu 51 associações e grupos de defesa do património de todo o país, juntando 142 participantes e 44 propostas, moções e recomendações.

A existência de grupos e associações locais com esta finalidade não era inédita entre nós. Basta lembrar, por exemplo, o Clube dos Fenianos, no Porto, o grupo Pró-Évora, dinamizado por Túlio Espanca em meados do século passado e o grupo dos Amigos de Lisboa, fundado em 1936 por figuras como Norberto de Araújo, Gustavo de Matos Sequeira e Luís Pastor de Macedo.

O que era inédito, isso sim, era o carácter ao mesmo tempo cultural e popular que o movimento assumia e, por via disso, o amplo protagonismo da sua acção. Tudo isso possível por vir no seguimento das grandes mobilizações populares após o 25 de Abril, quando o processo chamado de “normalização democrática”, começando a deixar desocupados muitos activistas de base, os encaminha para o associativismo social e cultural. A *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e*

associações de defesa do património cultural e natural

2º encontro nacional



Braga, 9-12|abril|1981

Natural, promulgada pela UNESCO em 1972, serviu de alavanca para as numerosas acções e reivindicações que as associações então desenvolveram por todo o país. A ASPA, de Braga, a ADEPA, de Alcobaça, a Associação de Arqueologia Industrial da Região de Lisboa, as Associações dos Amigos dos Caminhos de Ferro e dos Amigos dos Moinhos e a Associação de Estudo e Defesa do Património Histórico-Cultural de Santarém, foram algumas das que mais se distinguiram pela dinami-

zação de encontros e publicação de revistas e estudos monográficos.

Das largas dezenas então organizadas, a maior parte terá desaparecido ou esmorecido na sua acção. Mas algumas sobreviveram e outras foram entretanto constituídas, entre as quais algumas que tenho acompanhado mais de perto – a Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, o Centro de Arqueologia de Almada e a Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos. Desenvolvendo estas entidades actividades assinaláveis nos respectivos campos de actuação, a APAC – que celebra agora o seu 24.º aniversário – distingue-se pelo carácter exemplar do seu trabalho. Com a publicação de um boletim trimestral, contendo extensas e pormenorizadas informações – muito para além do seu objecto específico – esta associação caracteriza-se também pela organização regular de encontros, projectos educativos e de animação e ciclos de estudo temáticos, e ainda de um programa intenso de visitas e viagens de estudo, que têm levado os associados a terras tão distantes como “Lisboa dentro” e o Extremo Oriente.

Toda esta actividade, tão exuberante quanto culta, que se deve à forte liderança de Francisco Sousa Lobo, que foi capaz de congregar um voluntariado numeroso e multiforme, aí está como um excelente exemplo do que o associativismo é capaz de fazer no campo do estudo, da divulgação, da animação e da defesa do nosso património. ■

NUNO TEOTÓNIO PEREIRA,
Arquitecto